

DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

O espaço dos fóruns e das ágoras segundo João Crisóstomo: a definição de heterotopias cristãs na cidade pós-clássica (séc. IV e V)

The space of forums and agoras according to John Chrysostom: the definition of Christian heterotopias in the post-classical city (4th and 5th centuries)

João Carlos Furlani¹

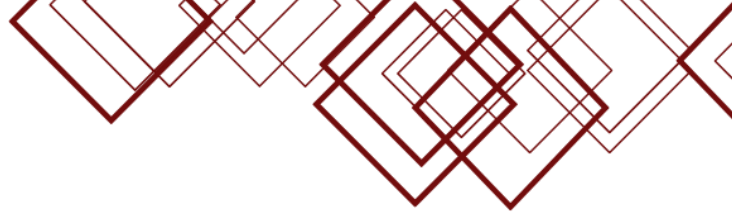
Resumo: João Crisóstomo é considerado um dos mais importantes representantes do cristianismo durante seus primeiros séculos de desenvolvimento. As temáticas e abordagens a que o orador foi submetido pela historiografia são múltiplas; contudo, a espacialidade das cidades nas obras de João só passou a ser explorada nas últimas décadas. Com isso em mente, neste artigo, buscamos compreender as concepções de João Crisóstomo a respeito das ágoras e fóruns em meio à cristianização do Império Romano. Elegemos como recorte temporal o final do século IV e início do V. Para cumprir nossos objetivos, mobilizamos um conjunto de homilias de João que, de alguma maneira, nos permitisse analisar os discursos do autor sobre o cotidiano, as tradições e o espaço das *agorai* e *fora* de Constantinopla e de Antioquia. Ao fim e ao cabo, acreditamos que as concepções João Crisóstomo a respeito de tais recintos são exemplares para compreender o processo de apropriação e ressignificação da *pólis* em favor dos cristãos, além de demonstrar os recursos discursivos e estratégias do orador em tal processo, especialmente referente aos usos do espaço e a separação física entre cristãos e não-cristãos, por meio da criação de isotopias e heterotopias.

Palavras-chave: Constantinopla; Cristianização; Espaço; Fóruns; Ágoras; João Crisóstomo.

Abstract: John Chrysostom is considered one of the most important representatives of Christianity during its first centuries of development. The themes and approaches to which the speaker was subjected by historiography are multiple; however, the spatiality of cities in John's works has only been explored in recent decades. With that in mind, in this article, we seek to understand John Chrysostom's conceptions about the agoras and forums in the midst of the Christianization of the Roman Empire. We chose as a period the end of the fourth century and the beginning of the fifth. In order to fulfill our objectives, we mobilized a set of homilies by Chrysostom that, in some way, allowed us to analyze the author's discourses on daily life, traditions and the space of *agorai* and *fora* of Constantinople and Antioch. We believe that John Chrysostom's conceptions about such enclosures are exemplary for understanding the process of appropriation and resignification of the *polis* in favor of Christians, in addition to demonstrating the discursive resources and strategies of the speaker in such a process, especially regarding to the uses of space and the physical separation between Christians and non-Christians, through the creation of isotopies and heterotopias.

Keywords: Constantinople; Christianization; Space; Forum; Agora; John Chrysostom.

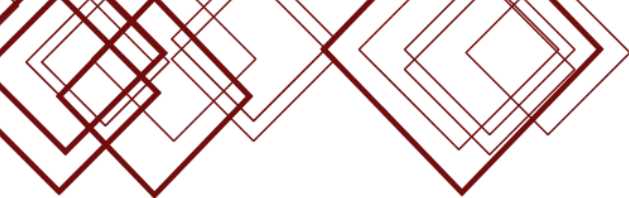
¹ Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Mestre, licenciado e bacharel em História pela mesma instituição. Membro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/ES). E-mail: joao.furlani@gmail.com.



Introdução

No estudo do Mundo Antigo, o espaço, em particular no que se refere aos assentamentos e à cultura material, adquiriu maior relevância apenas a partir dos anos de 1970, com destaque para obra *Spatial analysis in Archaeology*, de Ian Hodder e Clive Orton (1976). Nesse momento, solidificava-se a percepção de que a mudança social não poderia ser explicada satisfatoriamente sem uma reconceituação das categorias relativas ao componente espacial da vida em sociedade. Vigorava, assim, cada vez mais a noção de que “ser e tempo” não encerram toda a dimensão da existência humana (SCHLÖGEL, 2003, p. 9), e de que o espaço não é apenas um continente ou uma realidade apriorística da natureza; diferentemente, ele precisa ser pensado e investigado como condição e resultado de processos sociais. A partir dessas concepções nasceu aquilo que alguns convencionaram designar como *spatial turn*, uma virada preocupada com a problematização dos espaços, paisagens e cidades sob um olhar interdisciplinar, com destaque para a Arqueologia, Geografia, Sociologia e História (LÖW, 2013, p. 17-34).

Espaços públicos por excelência onde ocorriam manifestações culturais, sociais, políticas e religiosas que serviam como marcadores identitários, existenciais e discursivos, além de importantes locais de lazer e do cotidiano citadino, são as ágoras e os fóruns antigos. O primeiro desses recintos, a ágora (ἀγορά), pode ser definido como um espaço público fundamental nas *pólis* gregas. O significado literal do vocábulo é “local de reunião” ou “assembleia”, uma vez que faz referência à reunião dos cidadãos com o objetivo de discutir questões políticas, sociais e militares (WHITAKER, 2005, p. 7). Com o tempo, a ágora também passou a servir como ponto de encontro para mercadores, que mantinham barracas e lojas para comercializar seus produtos em meio às colunatas, além de artesãos, que construía oficinas nas proximidades (PEPPAS, 2005, p. 12). Aos poucos, a ágora consolidou-se como o centro da vida urbana de uma *pólis*, seja por seu caráter cultural, social, espiritual, comercial, político ou militar, uma vez que nela encontravam-se os lugares de culto de fundação ou das divindades protetoras das cidades; servia de lugar de reunião para os cidadãos discutirem os problemas da comunidade; abrigava mercados e outros negócios; e servia de espaço para apresentações artísticas e atléticas. Por essa razão, a ágora manifestava-se como a expressão máxima da esfera pública na urbanística grega, sendo notadamente o espaço público da vida social (MORRIS, 1994, p. 41-50).

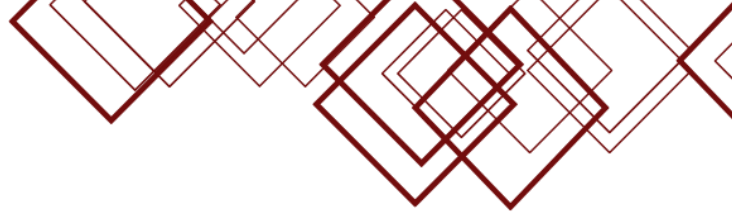


Em termos geográficos, a ágora geralmente localizava-se no meio da cidade ou próxima a um porto. Sua construção apresentava colunatas, uma longa fileira de colunas, e *stoai*, elemento arquitetônico grego que consistia em um corredor ou pórtico coberto. As ágoras costumavam ser espaços abertos, decorados com fontes, árvores e estátuas e configurados pela presença de mercados e feiras, assim como por edifícios de caráter público, como gabinetes administrativos, buletério e banhos (TOMLINSON, 2012, p. 41).

O fórum (*fórum*), por sua vez, era um espaço público característico de uma típica *urbs* romana. Assim como a ágora, era um ponto de encontro de grande importância social e amiúde palco de diferentes atividades, incluindo discussões políticas, reuniões, transações comerciais, entre outras funções (DELAINE, 2012, p. 586). Por essa razão, os fóruns eram cercados por edifícios destinados a abrigar e desenvolver tais agendas, como templos, basílicas, cúrias, pórticos e lojas. Originalmente, os fóruns romanos eram mercados onde os agricultores locais vendiam seus produtos diretamente aos habitantes. Todavia, diante da demanda crescente, os fóruns se multiplicaram e se especializaram, recebendo o nome dos produtos ali comercializados.

11

Com o modelo do *Forum Romanum* em mente, diversos fóruns foram criados ao longo da Península Itálica e, posteriormente, por todo o Império. Tradicionalmente, era construído próximo ao centro da cidade, sendo marcado pelo cruzamento das duas principais vias do eixo norte-sul e leste-oeste, também conhecidos como *cardo* e *decumanus* (GINOUVES, 1998, p. 184). Os primeiros fóruns romanos, por sua vez, foram apresentados como uma praça aberta em torno da qual vários edifícios foram construídos de maneira mais ou menos desordenada. Porém, aos poucos, um plano padrão foi se configurando e se generalizando por todo o Império Romano. Assim, o fórum tornou-se um espaço retangular, pavimentado e fechado por portões em suas extremidades, embora em ocasiões festivas carroças movidas a tração animal circulassem por ele (GINOUVES, 1998, p. 184). Os limites dos *fora* eram marcados por pórticos que serviam como galerias, abrigo ou acesso aos edifícios políticos, uma basílica e lojas, além de habitualmente estarem próximos aos banhos. Mediante a importância do mercado, muitos fóruns continham uma mesa com pesos e medidas públicas a fim de garantir a segurança das transações comerciais. Outrossim, o modelo arquitetônico imperial de fórum também exibia um caráter religioso, pois apresentava um ou mais templos, dos quais um era dedicado a Júpiter e os demais a outras divindades da cidade (HOLLERAN, 2012, p. 159; GINOUVES, 1998, p. 184).



Tendo em vista as lições do *spatial turn* e a importância das ágoras e fóruns para a sociedade greco-romana, neste artigo, buscamos compreender as concepções de João Crisóstomo, um dos mais importantes Padres da Igreja, a respeito das ágoras e fóruns em meio ao processo comumente denominado como “cristianização do Império Romano”, no qual mecanismos e estratégias foram utilizados para transformar a cidade antiga e sua paisagem em autênticos espaços de devoção, conforme os distintos preceitos cristãos. Elegemos um período específico como recorte temporal, compreendido entre o final do século IV e início do V, período em que João Crisóstomo atuou como presbítero de Antioquia, local onde nasceu, e bispo de Constantinopla, capital do Império Romano no Oriente.

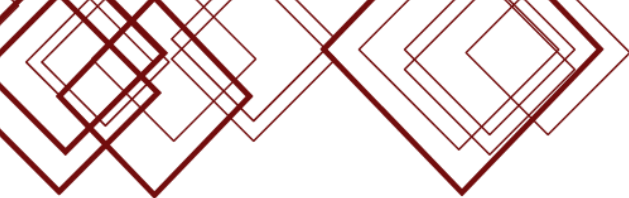
A fim de atingir os objetivos propostos, mobilizamos um conjunto um tanto ou quanto extenso de homilias de João Crisóstomo, proferidas em Antioquia e Constantinopla. Buscamos aquelas que, de alguma maneira, nos permitissem analisar os discursos do autor sobre o cotidiano, as tradições, o espaço das ágoras e fóruns das referidas cidades. Embora existam homilias que não gerem dúvidas acerca do local onde foram pronunciadas, devemos levar em conta a dificuldade na datação de tais escritos, responsável por produzir uma espécie de narrativa “mesclada” entre Constantinopla e Antioquia (LAVAN, 2007, p. 158). Ao fim e ao cabo, acreditamos que as concepções de João Crisóstomo a respeito das ágoras e fóruns são exemplares para compreender o processo de apropriação e ressignificação da *pólis* em favor dos cristãos, além de demonstrar os recursos discursivos e estratégias do orador em tal processo, especialmente referente aos usos do espaço e a separação física entre cristãos e não-cristãos.

12

Embora as homilias, tratados e cartas de João Crisóstomo sejam repletas de exegeses das Escrituras, elas frequentemente se referem a detalhes da vida contemporânea com propósito moral, permitindo-nos obter informações importantes sobre o uso dos espaços públicos no final do século IV e início do V. É claro, não podemos perder de vista que João nos transmite uma visão parcial da realidade de seu tempo. No entanto, muito do que ele diz corrobora ou é corroborado por outras fontes, de maneira que seu testemunho é fundamental para a compreensão do funcionamento da cidade pós-clássica (MAYER, 1998; 2000; MAYER; ALLEN, 2000; LEYERLE, 2001; LAVAN, 2007).²

À luz das considerações acima, trataremos dos espaços que João Crisóstomo identifica como danosos para os cristãos de Constantinopla, denominados heterotopias, como propõe

² Para uma descrição detalhada das ágoras e fóruns de Constantinopla, consultar Müller-Wiener (1977), e para as de Antioquia, ver Downey (1961, p. 621-640).



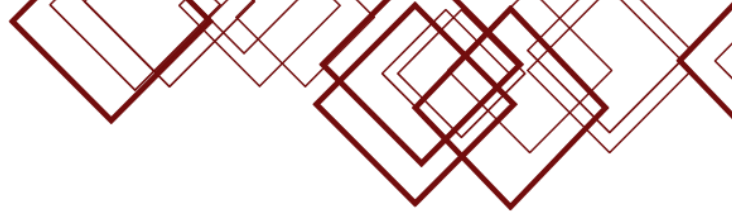
Lefebvre (2008, p. 118), para quem a heterotopia seria o lugar do outro, do desconhecido, do profano e do que contamina, ou seja, da alteridade. Assim, para que João pudesse definir as isotopias, os lugares puros e sagrados, as heterotopias deveriam ser identificadas e esvaziadas de frequentadores cristãos ou ressignificadas. Acreditamos que Crisóstomo compreendia o espaço citadino como um local de fixação de identidades e, ao mesmo tempo, de movimento, onde corpos transitavam, agiam e respondiam a ele. Logo, a relação entre o espaço urbano e a memória dos valores tradicionais greco-romanos era de retroalimentação, necessitando ser rompida para que o processo de cristianização se consolidasse. Cumpre notar que vários foram os lugares atacados por João em seus sermões pronunciados na Capital, porém, neste artigo, selecionamos apenas dois: as ágoras e os fóruns, como veremos a seguir.

As ágoras e os fóruns segundo João Crisóstomo

13

Apesar de ser definido como um século de transformação da cidade clássica, o século IV foi um período em que novos *fora* e *agorai* foram construídos nas províncias do Império Romano, ao passo que os antigos sofreram extensos reparos, o que inclui os de Antioquia e de Constantinopla, como atestado por evidências epigráficas e arqueológicas (KALAS, 2015). O entendimento a respeito da definição, das características e das atividades dos fóruns e das ágoras é, sem dúvida, fundamental para explicar a vitalidade de tais espaços na Antiguidade Tardia, bem como compreender os motivos pelos quais os representantes cristãos, em especial os bispos, precisaram lidar com eles durante a cristianização do Império. Tendo em mente os preceitos teóricos apresentados anteriormente, em especial àqueles referentes à problematização do espaço e à definição de heterotopias, é que nos dedicaremos, a partir de agora, a apresentar e analisar os discursos de João Crisóstomo sobre o espaço dos fóruns e das ágoras.

Numa homilia da série sobre o Levante das Estátuas, de 387, João Crisóstomo (*De stat.*, 2, 1) deixa claro que fóruns, ágoras e praças públicas ainda desempenhavam um papel fundamental na definição da identidade cívica tardo-antiga. Segundo o prelado, uma ágora repleta era uma medida da saúde de uma cidade. Já em Constantinopla, João alude à existência do evergetismo envolvendo os mercados, o que se refere aos novos fóruns construídos na Capital (Ioa. Chrys., *In Act. apost. hom.*, 18, 4).



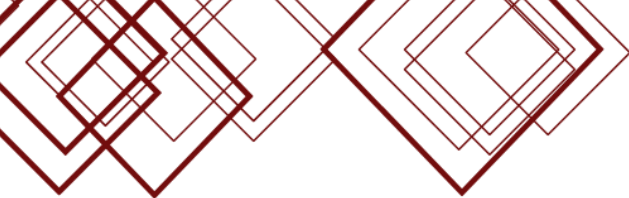
Nas obras de João Crisóstomo, o mercado presente nas referidas estruturas públicas é um dos principais lugares onde as pessoas viviam suas vidas cotidianas (Ioa. Chrys., *De stat.*, 5, 7). Para a sua congregação, os eixos principais da vida eram a casa, a ágora, os banhos, a igreja e os *martyria*.³ O mercado era um espaço comum a todos (Ioa. Chrys., *In 1 Tim. hom.*, 12, 4) e, apesar das reservas do pregador, parece ter sido o lugar mais visitado para se passar o tempo: “O que poderia ser mais fácil do que andar no mercado?” (Ioa. Chrys., *In 1 Thess. hom.*, 5). Em Constantinopla, o bispo observa que tal espaço era usado durante todo o dia, embora fosse mais cheio pela manhã: na “terceira hora” as pessoas estão em seus negócios, afirma João (*In Act. apost. hom.*, 5, 2), e “quando o Sol enche o mercado, as pessoas estão cansadas de seus trabalhos” (Ioa. Chrys., *In Act. apost. hom.*, 35, 3). O pregador também revela que as pessoas iam até a ágora depois de terem visitado seus vizinhos (Ioa. Chrys., *In 1 Tim. hom.*, 14, 4). E depois, elas iam para casa ou para os banhos (Ioa. Chrys., *In Matt. hom.*, 5, 1). Os membros da congregação de Crisóstomo também iam ao mercado após o serviço religioso, o que o pregador não apreciava (Ioa. Chrys., *In Matt. hom.*, 5, 1).⁴ Mas a ágora, em Antioquia, também era usada à noite (Ioa. Chrys., *In 1 Cor. hom.*, 12, 6; *De stat.*, 17, 2). No verão, as pessoas a frequentavam para socializar, enquanto, no inverno, preferiam ficar em casa, porque a ágora estava coberta de lama (Ioa. Chrys., *In Ioh. hom.*, 58, 4; *Si esur. inim.*, 1).

Em Constantinopla, o palácio imperial e o edifício do Senado compunham o *Augustaion*, a principal ágora da cidade, enquanto um recinto senatorial também fazia parte do Fórum de Constantino. Além disso, a partir de meados do século V, o *praetorium* estava localizado no Fórum de Leão (MÜLLER-WIENER, 1977; MANGO, 1993; DOWNEY, 1961, p. 621-640). Embora as praças públicas de Constantinopla abrigassem diversos edifícios administrativos, João Crisóstomo menciona apenas algumas atividades oficiais ocorridas no fórum, principalmente aquelas relacionadas à justiça (Ioa. Chrys., *In 1 Tim. hom.*, 14, 4; 6; *In 2 Tim. hom.*, 3, 3; *In Matt. hom.*, 77, 6).

De certo, os usos políticos e as cerimônias imperiais ocorridas nas ágoras e fóruns desagradavam a João Crisóstomo, que as considerava um local impróprio aos cristãos. Mas não apenas atividades dessa natureza o preocupavam. O convívio nas praças públicas, palco de

³ O *martyrium*, traduzido como “martírio”, pode ser definido como uma estrutura construída em um local que professa testemunho da fé cristã, tanto por referência à vida de Jesus quanto por abrigar o túmulo de um mártir (KRAUTHEIMER, 1986, p. 518). Apesar de não terem um padrão arquitetônico, os *martyria* foram muito difundidos no século IV, o que gerou a sua diversidade de formas e modelos (YASIN, 2012, p. 251).

⁴ A *synaxis* com a Eucaristia ocorria geralmente ao amanhecer. Sobre o uso da ágora antes dos banhos, consultar Pavard (1991, p. 178-185).



cerimônias tradicionais, como casamentos e funerais, poderia oferecer um perigo ainda maior para os cristãos. A respeito de um funeral em Constantinopla, o bispo declara:

Quando você vê um corpo morto sendo carregado pela praça, crianças órfãs seguindo-o, uma viúva batendo no peito, escravos chorando, amigos desanimados, reflita sobre a nulidade das coisas presentes, e que elas não diferem de uma sombra ou de um sonho (Ioa. Chrys., *In 2 Thess. hom.*, 1, 2).

Em outra ocasião, João Crisóstomo (*In Ioh. hom.*, 62, 4) já havia alertado para os perigos dos funerais em praças públicas, como podemos constatar no trecho a seguir:

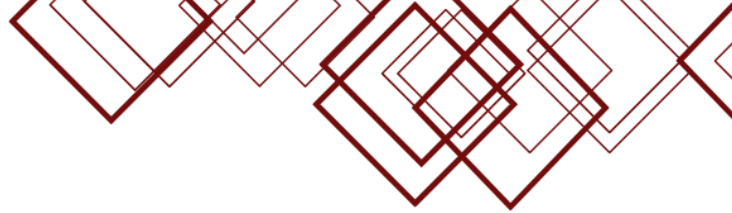
Mas em nossos dias, entre nossos outros males, há uma doença muito prevalente entre nossas mulheres; fazem um grande espetáculo em seus cantos fúnebres e lamentos, desnudando os braços, arrancando os cabelos, fazendo sulcos no rosto. E fazem isso, uns por desgosto, outros por ostentação e rivalidade, outros por devassidão; e desnudam os braços, e isso também à vista dos homens. Por que você, mulher? Você se desnuda de maneira imprópria, diga-me, você que é um membro de Cristo, no meio do mercado, quando os homens estão presentes lá? Você arranca seu cabelo, rasga suas roupas, e pranteia alto, e se junta à dança, e mantém uma semelhança com as mulheres bacanianas, e você não acha que está ofendendo a Deus? Que loucura é essa? Os pagãos não rirão? Eles não considerarão nossas doutrinas fábulas?

Para João Crisóstomo, não apenas os funerais davam ensejo para que os cristãos se desviassem do comportamento devido, mas igualmente os casamentos, que, apesar de honrosos, eram celebrados conforme os ritos pagãos. Em suas palavras:

Assim, o casamento é considerado uma coisa honrosa, tanto por nós como por aqueles de fora; e é honroso. Mas quando os casamentos são celebrados, acontecem coisas tão ridículas como você ouvirá imediatamente: porque a maioria, possuída e seduzida pelo costume, nem sequer sabe de seu absurdo, mas precisa de outros para ensiná-las. Para dançar, címbalos, flautas, palavras vergonhosas, canções, embriaguez, orgias, e toda a grande pilha de lixo do diabo é então introduzida (Ioa. Chrys., *In 1 Cor. hom.*, 12, 11).

João Crisóstomo (*In 1 Cor. hom.*, 12, 11) prossegue, dizendo que os noivos que seguiam tais celebrações nas ágoras e fóruns eram dignos de vergonha, pois exibiam as mulheres em praça pública a todos, sem qualquer modéstia:

Não apenas durante o dia, mas também à noite, eles fornecem de propósito homens que beberam bem, se embebedaram e inflamaram com comida luxuosa, para contemplar a beleza do semblante da donzela; nem só na casa,



mas até no mercado a conduzem com pompa para fazer uma exibição; conduzindo-a com tochas tarde da noite para que ela possa ser vista por todos: por seus atos não recomendando nada além de que doravante ela adiou toda a modéstia. E eles nem param por aqui; mas com palavras vergonhosas a conduzem.

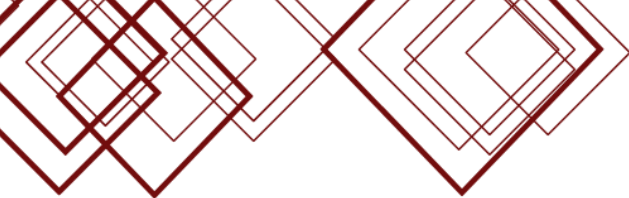
Para o orador, tais ações seriam ainda mais danosas às mulheres, na medida em que eram corrompidas pelas festividades pagãs: “Que mal não será implantado na noiva daquele dia em diante? A imodéstia, a petulância, a insolência, o amor à vanglória: pois naturalmente seguirão adiante e desejarão ter todos os seus dias como estes” (Ioa. Chrys., *In 1 Cor. hom.*, 12, 11). Nesse sentido, fica claro que, para João Crisóstomo, a cultura pagã era um campo da vida cotidiana em que sua congregação necessitava de cuidados pastorais, pois os fiéis tendiam a ser influenciados pela conduta dos não-cristãos.

Numa homilia proferida na Capital, João Crisóstomo (*In Heb. hom.*, 4, 7) menciona que se tornou um hábito para os cristãos convocar presbíteros e pessoas para cantar salmos em arranjos fúnebres solenizados em espaços públicos. Embora o papel preciso dos presbíteros não seja especificado, o bispo sugere que parte da função deles seria enfatizar para os presentes a mensagem da ressurreição e educá-los, segundo os preceitos cristãos, sobre como se comportar na morte de um ente querido. O desgosto de João com a persistência de práticas originalmente pagãs, como a contratação de carpideiras profissionais,⁵ ao lado das cristãs, sugere que, no século IV, o papel dos sacerdotes nos rituais ligados à morte ainda era marginal (MAYER; ALLEN, 2000, p. 52).

Em uma homilia sem identificação de local ou data, João Crisóstomo (*Propt. forn.*, 2) indica que, igualmente, nos casamentos, algumas famílias convidavam clérigos para a cerimônia no primeiro dia, enquanto, no segundo dia, eles se dedicavam à típica festa acompanhada de bebedeira e rituais pagãos, como o canto de hinos a Afrodite. Independentemente do status marginal dos sacerdotes cristãos nessas festas familiares, tais ocasiões, para João, indicavam a adoção, por parte de seus fiéis, de uma conduta reprovável, que deveria ser combatida com exemplos das Escrituras, pois, em suas palavras:

O casamento foi introduzido não para nos entregarmos ao jogo e à dissolução, mas para permanecermos castos [...]. Portanto, há duas razões para que o casamento seja introduzido – para que possamos ser castos e nos tornarmos pais, mas a razão principal é a pureza (Ioa. Chrys., *Propt. forn.*, 2).

⁵ As carpideiras eram profissionais encarregadas de marcar e enfatizar o lamento, a tristeza, a dor, o desespero, o choro e a convulsão das emoções desencadeadas pela morte de um indivíduo (SALES, 2015-2016, p. 65-66).

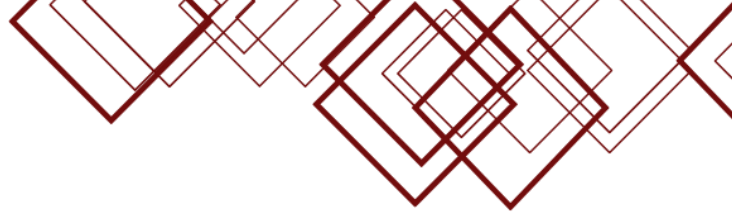


Assim, segundo João Crisóstomo, a principal causa do casamento deveria ser a purificação, uma vez que, por meio do matrimônio, os fiéis poderiam evitar serem entregues à devassidão. Esses sentimentos puros, no entanto, poderiam ser contaminados caso os cristãos frequentassem lugares impróprios, como as festividades ocorridas nas praças públicas, ou se ocupassem com atividades reprováveis. João (*In Act. apost. hom.*, 35, 3) afirma que até mesmo o simples ato de sentar-se nos mercados e olhar para os transeuntes já seria o suficiente para o cristão experimentar uma gama de emoções, em sua maioria negativas. Sobre isso, o orador argumenta:

Vê-se na ágora, vê-se um inimigo; um é inflamado pela simples visão dele! Vê-se um amigo homenageado; um tem inveja! Vê-se um pobre; despreza-se e não se dá conta dele! Vê-se um homem rico; alguém o inveja! Vê-se alguém maltratado; um recua em desgosto! Vê-se alguém agindo mal; um está indignado! Vê-se uma bela mulher e é apanhado! Você vê, amado, quantas armadilhas existem? (Ioa. Chrys., *De stat.*, 15, 1).

O que João Crisóstomo parece condenar nada mais é do que uma série de rituais socioculturais de interação e exibição pública. Não à toa, o orador afirma que a ágora e o fórum eram lugar por excelência aonde as pessoas iam para exibir sua riqueza e status, em competição umas com as outras. Para esses homens, João (*Illum. cat.*, 2, 5) recorda que “sem sandálias e mantos nenhum de vocês entraria no mercado”. Em outras palavras, a competição social nas praças públicas e mercados começaria em casa, com a vestimenta. Assim, o bispo afirma que os mais abastados se vestiam de seda e cheiram a perfume, que suas roupas eram naturalmente caras, embora aqueles que usavam “sedas e roupas brilhantes” deveriam ter pena de sua vaidade, pois suas riquezas não os ajudariam (Ioa. Chrys., *In Act. apost. hom.*, 35; *Ad Theod.*, 9, 16-19; *In 1 Cor. hom.*, 11, 4; 13, 5).

Em suas homilias, João Crisóstomo (*In Matt. hom.*, 49, 5; *In Col. hom.*, 10, 5) narra uma cena de um dia comum na ágora, onde um jovem com sapatos caros andava cuidadosamente para evitar a lama do inverno e a poeira do verão e onde mulheres ricas exibiam seus ornamentos de ouro e roupas de seda. João (*In Heb. hom.*, 28, 6) acreditava que o comportamento dessas mulheres não visava apenas agradar seus esposos, caso contrário, se manteriam embelezadas apenas no recinto doméstico. Crisóstomo (*In Matt. hom.*, 3, 7) também aponta outro perigo, já que “roupas e ouro expostos no mercado atraíam muitas pessoas mal-intencionadas”, embora fosse um risco a se correr para que os mais bem-sucedidos possam “virar a cabeça de todos os



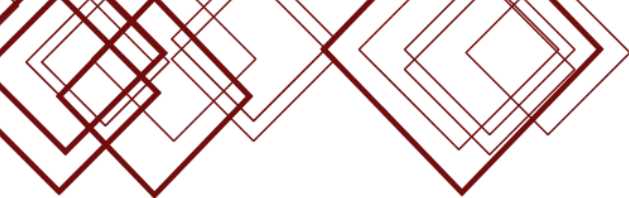
presentes” (Ioa. Chrys., *In Tit. hom.*, 2, 4). João (*In Ioh. hom.*, 3, 5) também descreve um homem socialmente ambicioso, que embelezava seu rosto e se vestia com roupas ricas, não para seu próprio prazer, mas para que outros pudessem admirá-lo. Em outra homilia, o bispo resume bem o seu pensamento ao dizer que alguns eram tão obcecados com o que a cidade pensava deles que eram “escravos de todos os que apareciam na ágora” (Ioa. Chrys., *In 2 Cor. hom.*, 24, 4).

Assim como observado por Lavan (2007, p. 157-158), não apenas o que se vestia determinava a posição social de um indivíduo, mas principalmente com quem se estava. Para a elite cidadina, isso se manifestava na forma de uma procissão, na qual o séquito se exibia de modo ostensivo, lembrando as atitudes de senadores romanos descritas por Amiano Marcelino (*Res Gest.*, XIV, 6, 16-17):

Mas deixo de lado os banquetes vorazes e as várias seduções dos prazeres, para não ir longe demais, e passarei ao fato de que certas pessoas correm sem medo do perigo pelas ruas largas da cidade e pelas pedras reviradas pelas calçadas como se conduzissem cavalos mensageiros com cascos de fogo (como diz o ditado), arrastando atrás de si exércitos de escravos como bandos de bandidos [...]. E muitas matronas, imitando-os, correm por todos os bairros da cidade com a cabeça coberta e em liteiras fechadas.

De forma similar, ao longo de suas homilias, João Crisóstomo descreve uma série de comportamentos sociais reprováveis que julgava reprováveis. Em suas descrições, alguns homens costumavam aparecer na ágora a cavalo, acompanhados por uma grande comitiva (Ioa. Chrys., *Ad Theod.*, 18, 33-34), sendo que alguns desses animais eram decorados com ornamentos dourados (Ioa. Chrys., *In 1 Cor. hom.*, 11, 4). Outros homens preferiam caminhar, desfilando pela ágora com muita pompa, escoltados por uma multidão de escravos (Ioa. Chrys., *In Phil. hom.*, 9, 4; *Ad Theod.*, 9, 16). Já outro homem ambicioso liderava uma marcha de seguidores pelo mercado (Ioa. Chrys., *In Ioh. hom.*, 3, 5). João (*In 1 Cor. hom.*, 40, 5) ironiza tais indivíduos, dizendo que os homens ricos frequentavam a ágora como “vendedores de ovelhas e traficantes de escravos”, por causa de seus enxames de escravos. Segundo João Crisóstomo (*In 2 Cor. hom.*, 24, 4):

E mesmo se precisar de algum objeto indispensável, ele não ousa pôr os pés no fórum, exceto que seja com seus escravos seguindo, e seu cavalo, e todos os outros espetáculos dispostos em ordem, para que seus mestres não o condenem. E se ele vê algum amigo daqueles que são verdadeiramente assim,



não tem a ousadia de falar com ele em pé de igualdade; pois tem medo de seus senhores, para que não o destituam de sua glória.

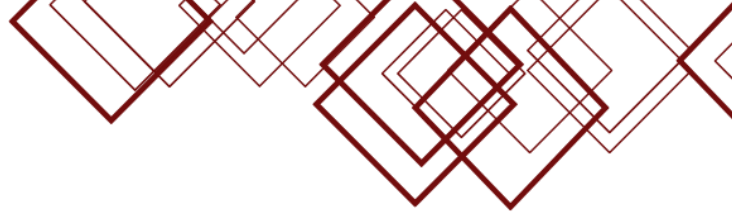
A motivação subjacente a essas ações seria a necessidade de os indivíduos se envolverem em uma competição por status, ao menos na visão de João Crisóstomo, para quem quanto mais pessoas seguissem tais ritos, mais senhores teriam, pois seriam escravizados por eles. João (*In Col. hom.*, 7, 3) não poupava nem mesmo os funcionários do governo e os membros da casa imperial, ao declarar que os governadores possuíam ordenanças que corriam à sua frente, abrindo caminho para seu chefe através da ágora. Já Eutrópio, o cônsul caído em desgraça, não teria mais pessoas para fazer isso por ele, para sua vergonha:

Onde estão agora os derramadores de vinho? Onde estão as pessoas que abriram caminho no mercado e cantaram seus louvores inúmeras vezes na frente de todos? Por causa de sua luta eles fugiram; eles negaram sua amizade; eles estão criando segurança para si mesmos (Ioa. Chrys., *In Eutr.*, 1).

João Crisóstomo (*In Col. hom.*, 7, 3) notava a queda de outros governadores de província ao evocar a nostalgia que sentiam por essas procissões. No entanto, parece que não apenas os governadores, mas outros de condição social superior se cercavam de servos que lhes abriam caminhos ao se deslocar pelo mercado. O pregador, inclusive, questiona os membros de sua congregação que exibiam comportamento semelhante:

Por que você tem tantos escravos? Visto que, como em nosso vestuário, devemos seguir apenas nossa necessidade, e em nossa mesa, também em nossos escravos. Que necessidade há então? Nenhuma. [...] Vamos permitir que você mantenha um segundo escravo. Mas se você angariar muitos, você não o faz por causa da humanidade, mas por autoindulgência (Ioa. Chrys., *In 1 Cor. hom.*, 40, 5-6).

Além de instigar comportamentos reprováveis, para João Crisóstomo (*In Eutr.*, 1, 3; *In Ioh. hom.*, 61, 3), as praças públicas e seus mercados eram lugares altamente corruptíveis e, sobretudo, masculinizados. João (*De sac.*, III, 13, 37-51) defendia que as virgens não deveriam frequentar a ágora, pois nesse tipo de lugar elas corriam o risco de se deparar com o olhar de homens lascivos. Suas idas aos mercados e praças podiam até mesmo atrair os olhares dos homens cristãos, que sentiriam vergonha e medo de serem vistos admirando mulheres no mercado (Ioa. Chrys., *In Matt. hom.*, 73, 3). No entanto, não apenas as jovens frequentavam as



ágoras e os fóruns, mas também as casadas (Ioa. Chrys., *In 1 Tim. hom.*, 9, 1) e as viúvas (Ioa. Chrys., *Quod freq. conven.*, 3; *De sac.*, III, 13, 9).

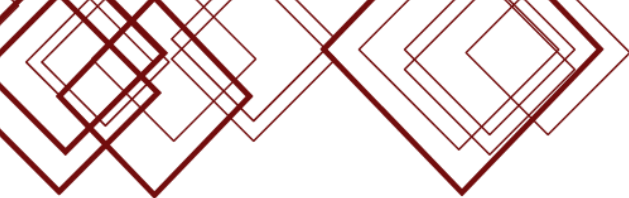
É preciso lembrar que João Crisóstomo não nega que, como um ponto de comércio, as ágoras e os fóruns eram lugares ideais para se comprar carne, vinho e outros produtos (Ioa. Chrys., *Ad Theod.*, 19, 7-10; *In Act. apost. hom.*, 9, 5; *De stat.*, 17), embora durante os períodos de escassez suas lojas ficassem “vazias de mercadorias” e “cheias de confusão” (Ioa. Chrys., *De s. Bab.*, 2). João Crisóstomo (*In 1 Cor. hom.*, 36, 5) nos fornece detalhes sobre a existência de lojas de comerciantes no mercado, como barbeiros e perfumistas. A competição entre os comerciantes era acirrada o suficiente para despertar a preocupação do bispo pelos lojistas em dificuldades, como vimos em uma de suas homilias proferidas em Constantinopla (Ioa. Chrys., *In 1 Thess. hom.*, 10, 4). Mesmo que tenha afirmado que Paulo tenha sido um fabricante de tendas e que deveria ter “passado toda a sua vida no mercado” (Ioa. Chrys., *In Heb. hom.*, 16, 4), o ambiente barulhento e a agitação coletiva produzidos pelo comércio eram tamanhos que João (*In Act. apost. hom.*, 6, 3), ao dissertar sobre o autocontrole, afirma que um homem passional é como:

[...] um mercado e tumulto, onde é grande o barulho dos camelos, mulas e jumentos que seguem: dos homens gritando alto para os que estão com eles, para que não sejam pisados: e ainda, de batedores de prata, de braseiros, de homens se empurrando para um lado e para o outro e alguns dominados, alguns dominadores.

No curso dos negócios, além da algazarra dos compradores e vendedores, uma das ações que João Crisóstomo (*In Act. apost. hom.*, 9, 5-6) mais reprovava era o juramento invocando a religião:

Por dez óbolos você tem lá xingamentos e juramentos. De fato, porque o raio não cai do céu, porque nem tudo é derrubado, você fica segurando Deus em seus laços: para conseguir alguns legumes, um par de sapatos, por uma pequena questão de dinheiro, chamando-o para testemunhar. [...] Expulsemos esta doença da alma: de qualquer forma, vamos expulsá-la da ágora, de nossas lojas, de nossos outros locais de trabalho; nossos lucros serão maiores.

Além dos indivíduos supramencionados, João Crisóstomo (Ioa. Chrys., *In Eph. hom.*, 17, 3) também nos fornece outra indicação a respeito do comportamento dos escravos na ágora e no fórum, que deveriam se portar adequadamente, visto que seus senhores não permitiam que seus escravos falassem em público. Apesar disso, o bispo afirma que os escravos, quando



visitavam os mercados sozinhos, não eram dignos de confiança, pois “abandonavam as tarefas que seus senhores lhes confiaram e se fixavam por mero acaso para aqueles que caíam em seu caminho, e desperdiçavam seu lazer lá” (Ioa. Chrys., *In Rom. hom.*, 4, 4). Além disso, o orador declara que os escravos também se gabavam, talvez imitando seus mestres, portando *fasces*,⁶ tal como auxiliares de um magistrado (Ioa. Chrys., *In 1 Cor. hom.*, 11, 4; 40, 5)

João Crisóstomo (*In Act. apost. hom.*, 29, 4) também declara que os escravos poderiam se distrair por mendigos pedintes ou mesmo por mendigos que realizavam performances, assim como por pessoas exibindo feras domesticadas, comuns nos fóruns de Constantinopla. A respeito desses últimos, João provavelmente está se referindo aos artistas de rua, que ele incluía na mesma categoria dos mendigos. Em várias ocasiões, refere-se a pessoas esmolando no mercado (Ioa. Chrys., *Quod freq. conven.*, 3; *In Ioh. hom.*, 60, 4), descrevendo-os como “pobres miseráveis, aleijados, coxos e mutilados” (Ioa. Chrys., *In Act. apost. hom.*, 13, 4), embora as viúvas da Igreja também pudessem estar entre os pedintes da Capital (Ioa. Chrys., *Quod freq. conven.*, 3). O bispo também afirma que indigentes e mendigos presentes nas ruas de Constantinopla abusavam abertamente dos sacerdotes em busca de favores, como vemos no seguinte trecho:

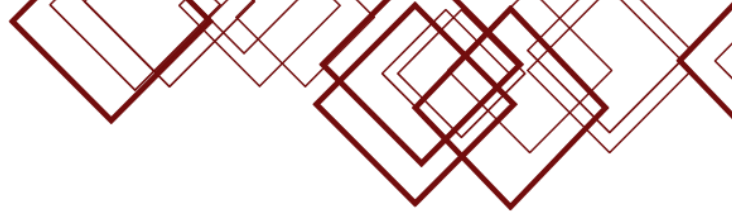
21

Assim é, o bispo está exposto às línguas de todos, à crítica de todos, sejam eles sábios ou tolos. Ele é assediado com preocupações todos os dias, não, todas as noites. Ele tem muitos para odiá-lo, muitos para invejá-lo. Não me fale daqueles que cativam o favor de todos, daqueles que desejam dormir, daqueles que avançam para este ofício como para repouso. [...] Ora, os indigentes e mendigos abusam dele abertamente no mercado (Ioa. Chrys., *In Act. apost. hom.*, 3, 4).

João Crisóstomo (*In Ioh. hom.*, 60, 4) também narra que prisioneiros poderiam ser trazidos acorrentados para mendigar no mercado, incomodando os transeuntes, mas embora fizessem isso “o dia todo”, “nem coletavam o suficiente para viver”. Algumas dessas pessoas, inclusive, dormiam ao ar livre, provavelmente nas próprias praças públicas (Ioa. Chrys., *In 1 Cor. hom.*, 11, 5).

A ágora e o fórum não eram apenas lugares para se adquirir mercadorias ou realizar alguma outra transação, mas também para se conversar livremente sobre os mais diversos

⁶ O termo latino *fasces* refere-se a um símbolo de origem etrusca, associado ao poder e à autoridade, muito utilizado no Império Romano. Originalmente, era denominado *fasces lictoriae*, pois era carregado por um *lictor*, o qual precedia a passagem de figuras da suprema magistratura em cerimônias oficiais, abrindo caminho em meio à população (MARSHALL, 1984, p. 120-141).



assuntos. A esse respeito, João Crisóstomo (*In Col. hom.*, 9, 3) aconselhava aos seus ouvintes: “E mesmo se você estiver no mercado, você pode se recompor; e cante a Deus, ninguém te ouve”. Isso valia tanto os homens quanto para as mulheres, que também poderiam ser encontradas conversando nas praças (Ioa. Chrys., *In 1 Tim. hom.*, 9, 1). Na perspectiva de João (*In Ioh. hom.*, 32, 3), os frequentadores assíduos dos mercados desperdiçavam o próprio tempo e eram atraídos por assuntos improdutivos:

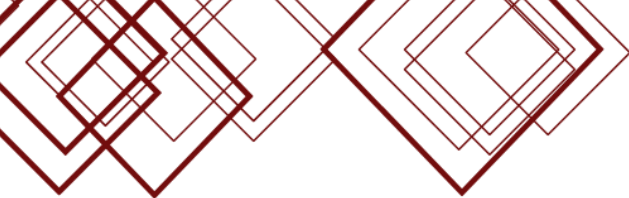
Não é estranho que aqueles que se sentam próximos ao mercado possam dizer os nomes, as famílias, as cidades de cocheiros e dançarinos e os tipos de poder possuídos por cada um, além de poder dar conta exata das boas ou más qualidades de cada cavalo?

Em determinada pregação, João Crisóstomo (*In Eph. hom.*, 17) se queixa do fato de membros de sua congregação contarem piadas em praça pública e afirma que a ágora era um lugar onde “as pessoas se demoravam em participar de reuniões inúteis”, além de “encontros e debates” acerca de “mercadorias, ou impostos, ou a mesa suntuosa, ou a venda de terras, ou outros contratos, ou testamentos, ou heranças, ou qualquer outra coisa desse tipo” (Ioa. Chrys., *De stat.*, 10, 1). O bispo é bem mais incisivo, ao defender que, em tais reuniões, pessoas que sequer eram dignas de pisar no palácio imperial, passavam o tempo no mercado discutindo assuntos que não lhe cabiam, nem mesmo entendiam:

22

Mas eles, como pessoas que não são dignas nem em sonho de pisar no palácio do imperador, mas que passam o tempo no fórum com outros homens, adivinhando por sua própria imaginação o que não podem ver, cometeram um grande erro, e, como cegos ou bêbados em sua peregrinação, lançaram-se uns contra os outros; e não apenas uns contra os outros, mas contra si mesmos, mudando continuamente sua opinião, e isso sempre sobre os mesmos assuntos (Ioa. Chrys., *In Ioh. hom.*, 2, 2).

Apesar da censura de João Crisóstomo, assuntos teológicos eram discutidos na ágora e no fórum, assim como afirmava Gregório de Nissa (*Deit. fil.*, 557), após sua visita a Constantinopla: “Em todo lugar, nas praças públicas, nas encruzilhadas, nas ruas e vielas, as pessoas paravam e falavam ao acaso sobre a Trindade”. Apesar de considerar nocivas as reuniões no mercado, João (*De stat.*, 6, 6) recomenda que sua congregação fale continuamente sobre as leis divinas “à mesa, na ágora e em suas outras reuniões”. Se algum dos fiéis “ouvir alguém na rua, ou no meio da ágora, blasfemando contra Deus”, o orador aconselha confrontá-los (Ioa. Chrys., *De stat.*, 1, 12).



Como afirma Lavan (2007, p. 163-164), João Crisóstomo não nos fornece detalhes sobre as modalidades de interação que ocorriam nas praças, que frequentemente se transformavam em brigas e trocas de insultos. A impressão que ressalta das descrições feitas por Crisóstomo é que a ágora e o fórum eram locais de competição social ritualizada, mas não necessariamente de confronto físico.⁷ No entanto, sabemos que tais recintos também eram palco de episódios de violência física. Nesse sentido, João (*De stat.*, 1, 12) afirma que “quando vemos uma luta acontecendo na ágora, vamos para o meio dela e reconciliamos os combatentes!”.

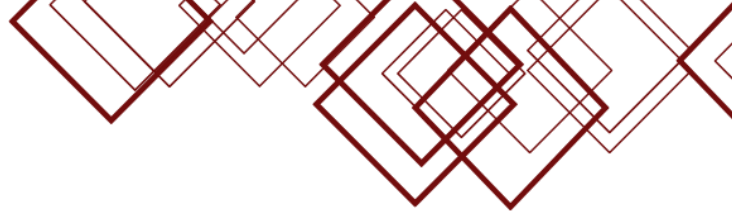
Discussões por dinheiro também não eram incomuns nas ágoras e fóruns, especialmente naqueles que contavam com um mercado (Ioa. Chrys., *In Matt. hom.*, 15, 10). João Crisóstomo (*De stat.*, 14, 1) menciona uma ocasião, na ágora de Antioquia, em que alguém teve seu manto despojado devido a uma dívida, o que não era incomum. Os homens ricos, por sua vez, mandavam seus escravos expulsarem aqueles que desejassem enquanto passavam pela ágora (Ioa. Chrys., *In 1 Cor. hom.*, 40, 5). Nas palavras de João (*De stat.*, 2, 2), a ágora era um lugar perigoso para os fora-da-lei, para aqueles que tinham algum problema com a justiça e, sobretudo, para os cristãos. Por essa razão, advertia:

23

É por isso que eu, portanto, aconselho que se abstenha não apenas de falar, mas também de ouvir coisas semelhantes quando os outros dizem; para que você sempre esteja comprometido com a lei de Deus. [...] Embora algo bom possa ser ouvido nas reuniões pagãs, será apenas uma boa palavra entre as muitas faladas pela grande multidão ali. É completamente diferente quando lemos as Escrituras Sagradas. Você nunca ouvirá palavras más, mas todas elas estão cheias de salvação e filosofia, assim como as que são lidas para nós hoje (Ioa. Chrys., *Propt. forn.*, 1-2).

A ocupação da ágora, do fórum e de outros lugares públicos provocava a ira de João Crisóstomo, pois estimularia o prazer físico, o luxo e a vaidade, atraindo assim as forças demoníacas. A ênfase indevida no esplendor dos edifícios urbanos e as estátuas dos deuses ali presentes eram um convite à corrupção. Mesmo que as pessoas não adorassem as estátuas, João (*In Matt. hom.*, 4, 10; *In Dan.*, 3) advertia que monumentos e estátuas auto-engrandecedoras ou onerosas, embora inanimadas, eram um chamariz para os demônios, em virtude do orgulho, da inveja ou da vaidade que suscitavam.

⁷ O assassinato de Hipácia, que foi arrastada de sua carruagem alta na rua por uma multidão, parece totalmente excepcional, uma vez que foi profundamente chocante para os contemporâneos e provocou a reação imperial (Soc., *Hist. eccl.*, VII, 15).

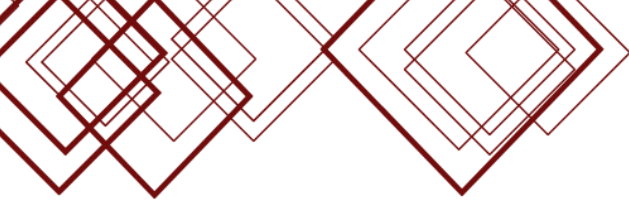


Em mais de uma ocasião, João Crisóstomo (*In Matt. hom.*, 4, 10; *In Dan.*, 3) se refere ao exemplo da estátua de Nabucodonosor que, embora fosse um objeto físico, a atividade cerimonial associada a ela constituía um “teatro do diabo”, sendo a vaidade representada por ela replicada em situações contemporâneas pela maneira como os ricos mantinham suas roupas, casas, comitivas, estátuas e colunas. Em outras palavras, uma estátua presente numa praça pública poderia ser objeto de impiedade pela vaidade que exprimia e incentivava, gerando assim uma distorção da alma ao incutir nela o desejo de se construir edifícios luxuosos e cultivar outras formas de pompa mundana (Ioa. Chrys., *In Matt. hom.*, 63, 4). Por fim, numa enfática alusão à vaidade contida nesses locais, João (*In Matt. hom.*, 34, 4-5) chegou a declarar que, se a carne não apodrecesse, as pessoas decorariam paisagens cívicas com seus cadáveres em vez de estátuas.

Considerações finais

Acreditamos que as concepções João Crisóstomo a respeito das ágoras e fóruns são exemplares para compreender o processo de apropriação e ressignificação da *pólis* em favor dos cristãos. João já era conhecido por suas duras homilias sobre a separação entre espaços cristãos e não cristãos em Antioquia. Contudo, amparado pela posição episcopal que ocupava em Constantinopla e por suas redes de influência, Crisóstomo pôde exercer maior influência na ressignificação do espaço e do cotidiano citadino. No exercício de sua posição de liderança, demonstrou uma preocupação evidente quanto à dinâmica entre espaço e cotidiano, incluindo suas considerações sobre clero, gênero, educação, prática do cristianismo, ascetismo, entre outros aspectos significativos para a compreensão dos discursos e ações que nos possibilitam qualificá-lo como um importante agente cristão no processo de transformação da paisagem urbana e do cotidiano da cidade antiga.

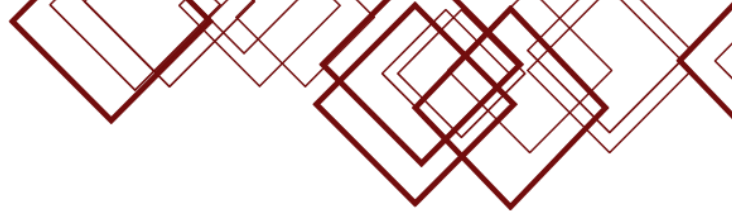
Especificamente a respeito dos fóruns e ágoras, João Crisóstomo considerava tais lugares altamente corruptíveis e, sobretudo, masculinizados. Vaidade, desejo, luxúria, ira e uma série de outros sentimentos pecaminosos seriam estimulados pelas atividades ocorridas em tais recintos. João defendia que tais locais também atraíam forças demoníacas e o esplendor dos edifícios e as estátuas dos deuses eram um convite à corrupção da alma do cristão. Para o bispo, a ágora e o fórum eram palco de episódios de violência física, de discussões a respeito de dinheiro e de assuntos que não cabiam aos seus frequentadores ou que eles sequer entendiam.



O orador também descreve episódios de roubo, embriaguez, exibição de roupas, adornos e riquezas, brigas e trocas de insultos em tais locais. Igualmente, João se incomodava com a competição social existente nas praças públicas, onde era comum ver homens e mulheres desfilando com muita pompa, escoltados por uma multidão de escravos. A presença de rituais pagãos, acompanhada de bebedeira, canto de hinos a divindades greco-romanas nas ágoras e fóruns também foi considerada imprópria por João Crisóstomo. O convívio nas praças públicas, palco de cerimônias tradicionais, como casamentos e funerais, poderia oferecer um perigo ainda maior para os cristãos, assim como os ritos imperiais. Mesmo em dias comuns, Crisóstomo argumentava que as virgens não deviam nem mesmo frequentar a ágora e os fóruns, pois nesse tipo de lugar elas corriam o risco de se deparar com o olhar de homens lascivos e todo o tipo de distração corruptiva, além de artistas e mendicantes. Ao fim e ao cabo, os *fora* e as *agorai* eram vistos por João Crisóstomo como verdadeiras heterotopias para os fiéis, uma vez que apresentavam toda sorte de atividade condenada pelo bispo, além de estátuas, símbolos e tradições que mantinham viva a cultura clássica.

Diversas homilias foram dedicadas por João Crisóstomo a fim de descrever e manter os cristãos longe dos espaços que considerava danosos. Além de conter as preocupações do pregador com a difusão dos preceitos evangélicos, seus sermões eram também fruto das práticas dos cristãos, que nem sempre seguiam os conselhos de seu sacerdote, uma vez que estavam ainda fortemente ligados às raízes clássicas da cidade e às tradições greco-romanas, incluindo as atividades ocorridas nos fóruns e ágoras. É justamente por isso que devemos salientar a importância das situações que envolvem o domínio e a representação de tais recintos.

João Crisóstomo estava ciente do poder coercitivo e sedutor de determinados ambientes, por isso esforçava-se em apartar sua congregação das tentações das praças públicas. As investidas de João possuem alvos específicos e remetem à geografia da cidade, por isso é tão significativo compreendermos as tradições urbanas como agentes ativas nas disputas que envolviam a cristianização da cidade antiga. É impossível pensar o ambiente construído, as cidades, os monumentos, os edifícios e seus padrões arquitetônicos sem levar em consideração os usos e apropriações feitas por grupos e indivíduos, pois o espaço não representa apenas um suporte passivo dos processos sociais. Ao contrário, atua ativamente no desenrolar de tais processos, uma vez que a materialidade dos lugares e dos monumentos, seus sentidos, símbolos e representações, são capazes – mas sem cair num determinismo – de exercer um poder coercitivo e de condicionar o comportamento individual e coletivo (LEFEBVRE, 2008, p. 59).



A problematização dos espaços dos fóruns e das ágoras no contexto da cristianização, portanto, assinala uma compreensão peculiar de João Crisóstomo sobre o território e o cotidiano cidadão na época tardia, o que inclui representações sobre os lugares sagrados e perigosos para os cristãos, além de ações voltadas para a transformação da paisagem urbana e do cotidiano cristão, como observamos nas cidades de Antioquia e Constantinopla.

Referências

Documentação

AMMIANUS MARCELLINUS. *History: Books 14-19*. Translated by J. C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press, 1950. v. 1.

GREGORII THEOLOGI. Poemata de seipso. In: MIGNE, J. P. (ed.). *Patrologia Graeca*. Paris: J.-P. Migne, 1857, p. 969-1450. t. XXXVII.

IOHANNIS CHRYSOSTOMUS. 4305-5197. In: CORPVS CHRISTIANORVM. *Clavis Patrum Graecorum: Ab Athanasio ad Chrysostomum*. Cura et studio Mauritius Geerard. Turnhout: Brepols, 1974. v. II.

JEAN CHRYSOSTOME. *A Théodore*. Introduction, texte grec et traduction latine critiques, traduction française et notes par Jean Dumortier. Paris: Éditions du Cerf, 1966.

JEAN CHRYSOSTOME. *Homélie sur les épîtres de saint Paul Lettres aux Corinthiens*. Édition abrégée, établie et présentée par Jacques de Penthos. Paris: François-Xavier de Guibert, 2009. t. 1.

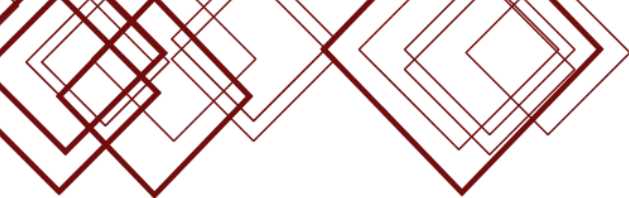
JEAN CHRYSOSTOME. *Homélie sur les épîtres de saint Paul: Lettre aux Romains, Lettre aux Éphésiens*. Édition abrégée, établie et présentée par Jacques de Penthos. Paris: François-Xavier de Guibert, 2009. t. 2.

JEAN CHRYSOSTOME. *Homélie sur les épîtres de saint Paul: Lettre aux Galates, Lettre aux Philippiens, Lettre aux Colossiens, Lettres aux Thessaloniciens*. Édition abrégée, établie et présentée par Jacques de Penthos. Paris: François-Xavier de Guibert, 2009. t. 3.

JEAN CHRYSOSTOME. *Homélie sur les épîtres de saint Paul: Lettres à Timothée, Lettre à Tite, Lettre à Philémon*. Édition abrégée, établie et présentée par Jacques de Penthos. Paris: François-Xavier de Guibert, 2009. t. 4.

JEAN CHRYSOSTOME. *Sur le sacerdoce: dialogue et homélie*. Introduction, texte critique, traduction et notes par Anne-Marie Malingrey. Paris: Éditions du Cerf, 1980.

JOHN CHRYSOSTOM. On Eutropius. In: MAYER, W.; ALLEN, P. (ed.). *John Chrysostom*. London: Routledge, 2000, p. 132-139.



JOHN CHRYSOSTOM. The homilies on the Acts of the Apostles. In: SCHAFF, P. (ed.). *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, first series*. Translated by J. Walker and H. B. Sheppard, revised by G. B. Stevens. New York: The Christian Literature Company, 1889. v. 11.

SOCRATES SCHOLASTICUS. The Ecclesiastical History. Revised, with Notes, by A. C. Zenos. In: SCHAFF, P. (ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers, series II*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1996. v. 2.

ST. CHRYSOSTOM. Homilies on the Gospel of St. Matthew. In: SCHAFF, P. (ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers, first series*. New York: Cosimo Classics, 2007. v. X.

ST. CHRYSOSTOM. On the Priesthood, ascetic treatises, select homilies and letters, Homilies on the Statues. In: SCHAFF, P. (ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers, first series*. New York: Cosimo Classics, 2007. v. IX.

ST. JOHN CHRYSOSTOM. *Commentary on Saint John the Apostle and Evangelist*. Translated by Thomas Aquinas Goggin. Washington: Catholic University of America Press, 1957-1960.

ST. JOHN CHRYSOSTOM. Discourse on Blessed Babylas and against the Greeks. In: ST. JOHN CHRYSOSTOM. *Apologist*. Translated by M. A. Schatkin and P. W. Harkins. Washington: Catholic University of America Press, 1985.

27

ST. JOHN CHRYSOSTOM. Second Instruction to Catechumens. In: SCHAFF, P. (ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers, first series*. New York: Christian Literature Publishing Co., 1889, p. 165-171. v. 9.

ST. JOHN CHRYSOSTOM. The homilies on the epistle to the Hebrews In: SCHAFF, P. (ed.). *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, first series*. Translated by F. Gardiner. New York: The Christian Literature Company, 1889. v. 14.

Bibliografia

DELAINE, J. Forum. In: HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A.; EIDINOEW, E. (ed.). *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 586-587.

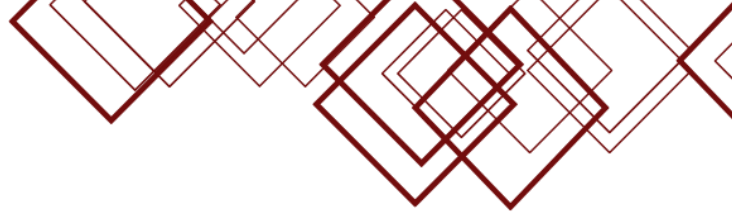
DOWNEY, G. *A History of Antioch in Syria from Seleucus to the Arab Conquest*. Princeton: Princeton University Press, 1961.

GINOUVES, R. *Dictionnaire méthodique de l'architecture grecque et romaine: espaces architecturaux, bâtiments et ensembles*. Rome: École française d'Athènes; École française de Rome, 1998. t. III.

HODDER, I.; ORTON, C. *Spatial analysis in Archaeology*. New York: Cambridge University Press, 1976.

HOLLERAN, C. *Shopping in Ancient Rome: the retail trade in the Late Republic and the Principate*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

KALAS, G. *The restoration of the Roman Forum in Late Antiquity: transforming public space*. Austin: University of Texas Press, 2015.



KRAUTHEIMER, R. *Early Christian and Byzantine architecture*. New Haven: Yale University Press, 1986.

LAVAN, L. The *agorai* of Antioch and Constantinople as seen by John Chrysostom. In: DRINKWATER, J. F.; SALWAY, B. (ed.). *Wolf Liebeschuetz reflected: essays presented by colleagues, friends, & pupils*. London: Institute of Classical Studies, School of Advanced Study, University of London, 2007, p. 157-167.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2008.

LEYERLE, B. *Theatrical shows and ascetic lives: John Chrysostom's attack on spiritual marriage*. Berkeley: University of California Press, 2001.

LÖW, M. O *spatial turn*: para uma sociologia do espaço. *Tempo social, Revista de Sociologia da USP*, v. 25, n. 2, p. 17-34, 2013.

MARSHALL, A. J. Symbols and showmanship in Roman public life: the fasces. *Phoenix*, v. 38, n. 2, p. 120-141, 1984.

MAYER, W. John Chrysostom: extraordinary preacher, ordinary audience. In: CUNNINGHAM, M.; ALLEN, P. (ed.). *Preacher and audience: studies in Early Christian and Byzantine homiletics*. Leiden: Brill, 1998, p. 105-137.

MAYER, W. Who came to hear John Chrysostom preach? Recovering a late fourth-century preacher's audience. *Ephemerides Theologicae Lovanienses*, v. 76, p. 73-87, 2000.

MAYER, W.; ALLEN, P. (ed.). *John Chrysostom*. London: Routledge, 2000.

MORRIS, A. E. J. *History of urban form*. New York: John Wiley & Sons, 1994.

MÜLLER-WIENER, W. *Bildlexikon zur topographie Istanbuls: Byzantion, Konstantinoupolis, Istanbul bis zum Beginn d. 17. jh.* Tübingen: Ernst Wasmuth, 1977.

PAVERD, F. van de. *Saint John Chrysostom, the Homilies on the Statues: an introduction*. Roma: Pont. Institutum Studiorum Orientalium, 1991.

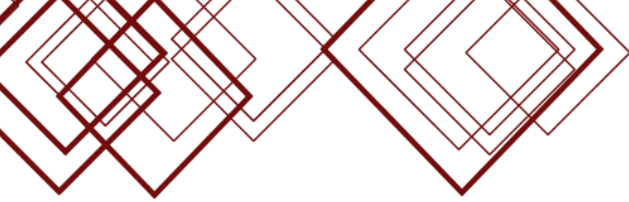
PEPPAS, L. *Life in Ancient Greece*. New York: Crabtree Publishing Company, 2005.

SALES, J. C. As carpideiras rituais egípcias: entre a expressão de emoções e a encenação pública. A importância das lamentações fúnebres. *Isimu, Revista sobre Oriente Próximo y Egipto en La Antigüedad*, v. 18-19, p. 61-76, 2015-2016.

SCHLÖGEL, K. *Im Raume lesen wir die zeit: Über Zivilisationsgeschichte und Geopolitik*. München: Carl Hanser, 2003.

TOMLINSON, R. A. Agora. In: HORNBLLOWER, S.; SPAWFORTH, A.; EIDINOEW, E. (ed.). *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 41.

WHITAKER, A. M. C. Agora. In: CAVES, R. W. (ed.). *Encyclopedia of the city*. London; New York: Routledge, 2005, p. 7.



YASIN, A. M. Sight lines of Sanctity at Late Antique Martyria. In: WESCOAT, B. D.; OUSTERHOUT, R. G. (ed.). *Architecture of the sacred: space, ritual, and experience from Classical Greece to Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 248-280.